

# BREVE HISTÓRIA DA PSICOLINGÜÍSTICA

Juliana Friedrich Dias

## RESUMO<sup>©</sup>

Este trabalho está vinculado ao Grupo de Estudos Lingüísticos (GEL) e se refere ao estudo desenvolvido no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006; tem por objetivo desenvolver uma breve história da Psicolingüística, descrever sua evolução e mostrar alguns dos problemas que os lingüistas tiveram para obter sua definição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicolingüística, evolução, lingüistas.

## INTRODUÇÃO

A evolução da Psicolingüística se deu através da declaração de critérios adotados, pois não é possível entender o objeto e as metodologias de uma ciência sem conhecer as bases epistemológicas que lhe deram origem.

O primeiro critério foi escolher fontes de informações razoavelmente atualizadas<sup>1</sup> e que parecem expressar o *mainstream*, a corrente principal, de trabalhos reconhecidos e auto identificados como pertencentes ao campo. Como critério adicional, decidimos começar por um levantamento histórico, que nos permita entender a evolução da Psicolingüística e situá-la em relação a outros campos, principalmente, em relação à Psicologia e à Lingüística, com as quais guarda evidentes relações de filiação. (BALIEIRO Jr., 2004, p. 172).

Antes do surgimento da Psicolingüística como disciplina, havia dois movimentos opostos, como mostra o quadro abaixo: um que caminhava da Psicologia para a Lingüística e outro que fazia o caminho inverso.

1- PSICOLOGIA → LINGÜÍSTICA =  
PSICOLOGIA DA LINGUAGEM.

2- LINGÜÍSTICA → PSICOLOGIA =  
PSICOLINGÜÍSTICA

O termo Psicolingüística surgiu antes mesmo de se tornar disciplina, "surgiu pela primeira vez provavelmente em um artigo de N. H. Proncko<sup>2</sup> e sugere que se trata de um campo interdisciplinar para o qual colaboram a Psicologia e a Lingüística." (BALIEIRO Jr., 2004, p.172). Os estudos dessas duas disciplinas eram originalmente denominados Psicologia da Linguagem e abordavam uma questão central às duas: "o relacionamento entre o

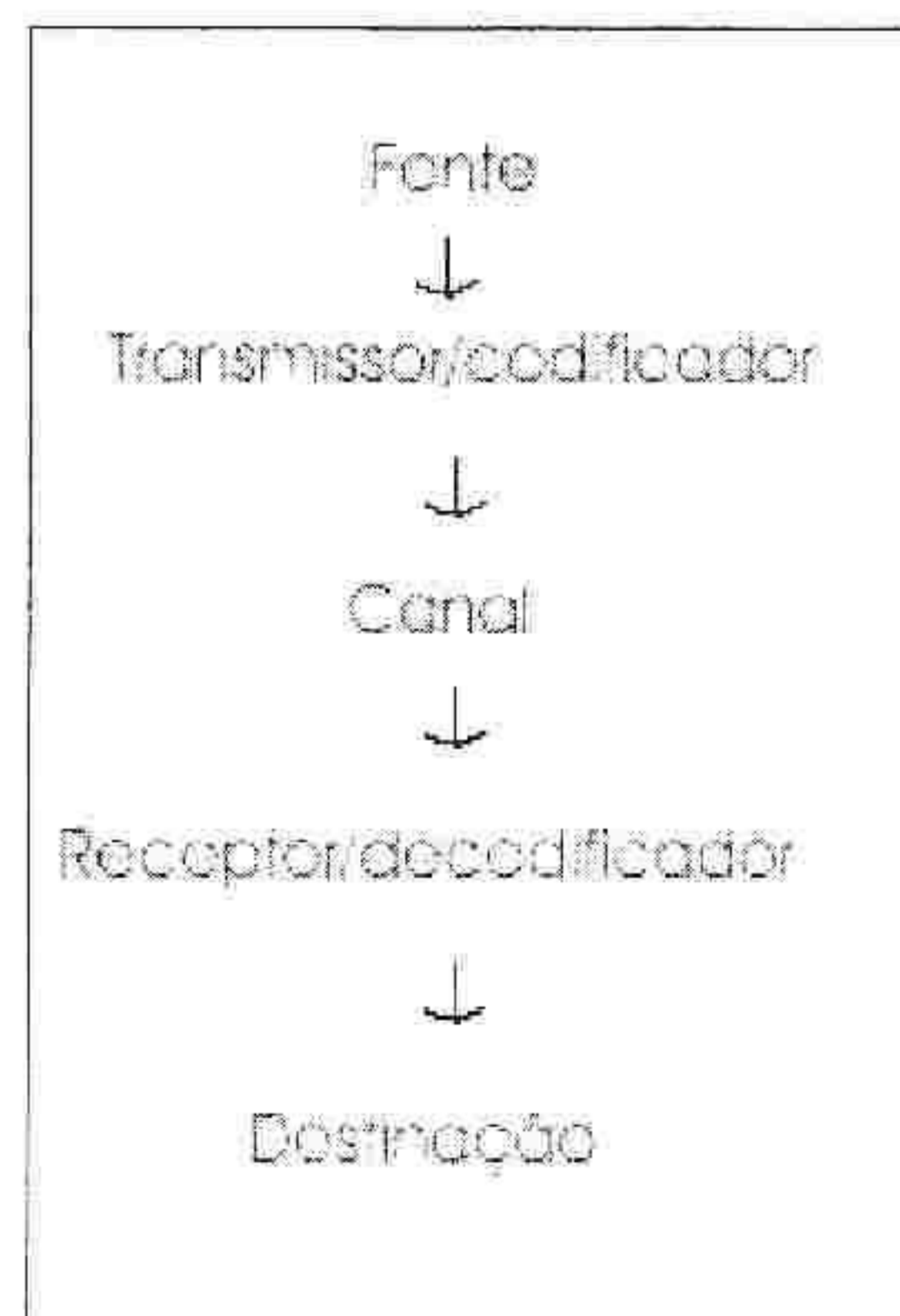
pensamento (ou comportamento) e a linguagem". (BALIEIRO Jr., 2004, p.172).

Na Psicologia, os estudos estavam baseados nas relações entre a organização do sistema lingüístico e a organização do pensamento. "Os psicólogos queriam o auxílio do entendimento sobre o funcionamento da linguagem para entender como funcionava a 'mente' humana, partindo da hipótese de que a mente se estruturava de forma análoga à linguagem ou mesmo através dela." (BALIEIRO Jr., 2004, p.173).

No caminho 1, o movimento trouxe duas concepções diferentes: uma que veio da tradição européia que era essencialmente *mentalista*, que buscava explorar o *pensamento* através do estudo da linguagem; e outra que veio da tradição norte-americana, essencialmente *comportamentalista* que buscava entender o *comportamento lingüístico*, reduzindo-o a uma série de mecanismos de estímulo-resposta.

Já na Lingüística, "havia uma busca anterior pela teoria psicológica, especialmente por meio dos introdutores do método histórico em Lingüística, entre os quais Hermann Paul, que tentaram apoiar no associacionismo psicológico<sup>3</sup> suas explicações para as mudanças lingüísticas". (BALIEIRO Jr., 2004, p.173).

Shannon & Weaver (1949) definiram uma unidade de comunicação formada por:



A partir desse esquema, podemos observar um modelo para definir a Psicolinguística como estudos de codificação e decodificação.

Este modelo, claramente mecanicista, foi amplamente utilizado pela pesquisa da década de 1950, com fortes acentos comportamentalistas. Osgood & Sebeok (1954), por exemplo, definiram a Psicolinguística como o estudo dos “processos de codificação e decodificação no ato da comunicação na medida em que ligam (relacionam) estados das mensagens e estados dos comunicadores”. (BALIEIRO Jr., 2004, p.175).

O objeto da Psicolinguística é exatamente o enfoque diferente para com a linguagem que demarcou as fronteiras às vezes tênues que a separou das duas ciências que lhe deram origem, a Psicologia e a Linguística. Este objeto vem a ser os processos de codificação e decodificação. Da introdução do livro de Osgood e Sebeok (p.4), extraímos a seguinte definição, que expressa o pensamento da época:

A bastante nova disciplina que vem de ser conhecida como Psicolinguística (em paralelo com a disciplina proximalmente relacionada, a etnolinguística, que atualmente chamamos de sociolinguística), diz respeito, num sentido mais lato, às relações entre as mensagens e as características dos indivíduos humanos que as selecionam e as interpretam. Num sentido mais estrito, a Psicolinguística estuda os processos através dos quais as intenções dos falantes são transformados em interpretações pelos ouvintes. Em outras palavras, a Psicolinguística trata diretamente dos processos de codificação e decodificação, enquanto relacionam os estados das mensagens aos estados dos comunicadores. (SCLAR-CABRAL, 1991, p.14)

Em 1951, aconteceu o “Seminário de Verão de Pesquisa em Ciência Social” na Universidade de Cornell, onde segundo Kess (1992) inaugurou-se o período formativo e juntamente com o Seminário o “Comitê sobre Linguística e Psicologia” ministrado pelo psicólogo C. Osgood. Em 1953 realizou-se um segundo Seminário de Verão na Universidade Indiana, sob a direção de Osgood e do antropolinguista T. A. Sebeok, que organizaram e publicaram os anais do Seminário, com o título *Psycholinguistics: a survey of theory and research problems* (Osgood & Sebeok, 1954).

Ainda nesse período da década de cinquenta, mencionamos o surgimento da epistemologia genética de J. Piaget, que deu origem a uma das escolas que mais deu certo em Psicolinguística, a escola de Genebra; e a obra de L. Vygotsky, autor soviético, conhecido por suas investigações sobre as relações

entre pensamento e linguagem. A partir de então, estava “fundada” a Psicolinguística.

Neste momento surgiu um período linguístico, em que, em 1957, o linguista Noam Chomsky publicou *Syntactic Structures*, onde apresentava os fundamentos da Gramática Gerativa Transformacional.

Assim, dois anos mais tarde, publica sua famosa resenha onde critica o operacionalismo vigente fazendo com que os fundamentos da Psicolinguística se abalassem.

Em 1959, publica sua famosa resenha do livro *Verbal Behaviour*, do comportamentalista Skinner (1957), na qual critica fortemente o operacionalismo, vigente tanto no programa comportamentalista quanto no programa estruturalista, propondo uma abordagem racionalista e dedutiva para a ciência. Para Chomsky, a ciência da linguagem deve partir de uma teoria forte, da qual deduz afirmações que devem ser testadas contra os dados, obtidos em experimentos especialmente desenhados para efetuar tais testes. (BALIEIRO Jr., 2004, p.176).

A crítica de Chomsky diminuiu gradativamente a influência do comportamentalismo e reavivou o mentalismo. Segundo Kess (1992), segue-se o *Período linguístico*, em que, “de uma grande dispersão teórica e uma postura operacionalista, a Psicolinguística passa a ter o modelo chomskyano, oriundo da Linguística, como paradigma teórico central, adotando uma postura metodológica fortemente racional-dedutiva no design de seus experimentos”. (BALIEIRO Jr., 2004, p.176).

A partir da teoria linguística surgiram as pesquisas desse período centrando seus estudos na testagem do modelo gerativista e privilegiando as sentenças nucleares como objeto de estudo.

Surgiu, então, o grande problema que consistia em evidenciar a *realidade psicológica* das unidades linguísticas, identificando se as unidades sintáticas propostas pela teoria linguística eram componentes das operações mentais necessárias para que falassem uma língua, do processamento mental dessa língua. “Assim nasceu a Teoria da Complexidade Derivacional, que supunha que a percepção e a compreensão das sentenças deveria ser isomórfica à derivação da sentença por meio das regras da sintaxe, ou seja, os passos para derivar uma estrutura superficial de uma estrutura profunda deveriam ser também efetuados na recepção e compreensão das sentenças”. (BALIEIRO Jr., 2004, p.177).

Um segundo problema consistia em identificar neste processamento, além dos efeitos das restrições oriundas do sistema linguístico, que mencionaremos

mais adiante, os efeitos das restrições oriundas do próprio sistema cérebro-mental, como os limites impostos pelo sistema sensorio-perceptivo ou pelo funcionamento da memória.

As mudanças na teoria lingüística, juntamente com outros fatores que a abordagem inicial desconsiderava, como por exemplo, os fatores semânticos e pragmático-discursivos, acabaram por desembocar em uma ampliação e enriquecimento da Psicolingüística, pelo aporte de contribuições de psicólogos e filósofos da linguagem.

Os cognitivistas, trabalhando duro em questões que concernem mais de perto ao processamento<sup>4</sup> lingüístico, além de ampliarem e tornarem mais eclético o campo de estudos da Psicolingüística, também acabaram por aproximá-lo das ciências cognitivas, com suas características marcantes de interdisciplinaridade, e equilibraram a influência exercida pela Lingüística com aquela exercida por outras disciplinas próximas, como a Psicologia, a Antropologia e a Filosofia da Linguagem, além de trazerem também para o campo a influência da Inteligência Artificial e seus modelos computacionais. (BALIEIRO Jr., 2004, p. 179-80).

O estado atual da Psicolingüística, denominado por Kess (1992) de *período da teoria psicolingüística, realidade psicológica e ciência cognitiva*, "o campo se apresenta em um estado de transição com pesquisas oriundas de várias escolas teóricas, como, por sinal, é também o caso da Psicologia e da Lingüística". (BALIEIRO Jr., 2004, p.180).

A parceria entre essas duas "correntes" estava experimentando uma renovação, após um período de relativo estriamento. O papel interdisciplinar exercido pela Psicolingüística ao aproximar conhecimentos de pesquisas nos campos da Psicologia e da Lingüística, tem sido às vezes deduzido que a própria Psicolingüística estaria subsumida na corrente maior das ciências cognitivas.

A questão da realidade psicológica das teorias sobre a linguagem natural, como apresentada, tem sido atualmente uma meta clara da Psicolingüística. Dessa forma, as questões da definição do objeto e do método de estudo, necessárias para que possamos falar em uma disciplina autônoma, parecem estar se encaminhando para uma solução. (BALIEIRO Jr., 2004, p.181).

Mostraremos agora como podem ser divididos os campos de estudo e os problemas da 'nascente' disciplina chamada de Psicolingüística. Para tanto utilizaremos um quadro presente na obra **Introdução à Lingüística**, capítulo seis, cujo título é

*Psicolingüística*, o autor utilizou como fonte três obras abaixo citadas.

Ness (1992)	Sellier-Cubral (1991)	Garman (1990)
Percepção e produção da fala	Processamento dos sinais lingüísticos	Características do sinal lingüístico
Neurologia e físico-mental	Reconhecimento de palavras	Fundamentos biológicos da linguagem
Sintaxe	Visão e semântica	Fontes de evidência para o sistema lingüístico
Discursos	Processamento a nível textual	Processamento lingüístico
Semântica	Neurologia da linguagem	Processamento físico-mental
Linguagem e pensamento	Aquisição da linguagem	Entendendo a declaração
Pré-requisitos biológicos	Relações entre pensamento e linguagem	Produção de declarações
Aquisição da primeira língua	Apropriação e processamento da leitura e escrita	Prejuízos do processamento
	Psicolingüística comparada	
	Fatores inatos, maturacionais e experienciais	
	Relações com outras disciplinas	
	Psicolingüística aplicada	

O que podemos tirar de conclusão deste quadro é a predominância da relação entre linguagem e cérebro, as relações entre linguagem e pensamento, os sistemas de processamento mental da linguagem, o processamento de unidades amplas da linguagem e a aprendizagem de outras atividades ou sistemas lingüísticos.

Segundo Garman (1990) há três níveis de análise do processamento lingüístico sendo eles:

- a) O nível lingüístico, relacionado à formulação (codificação/decodificação) da mensagem;
- b) O nível fisiológico, relacionado com a produção e recepção da fala, nível em que devemos olhar para o aparelho fonoarticulatório do falante;
- c) O nível acústico, em que ocorrem as ondas sonoras que formam a "ponte" entre o falante e o ouvinte. (BALIEIRO Jr., 2004, p. 189)

O autor aponta, ainda, três elementos fundamentais deste processamento, que ele denomina como "cadeia da fala". Os elementos não se confundem com os níveis de análise, mas em cada um deles cruzam-se os níveis de análise. Os elementos são:

A existência de um *sinal lingüístico*, que diz respeito ao conjunto de eventos ambientais, acústicos no caso da fala e visuais no caso da escrita que formarão o *input*<sup>5</sup> a ser processado/entendido, e, ao mesmo tempo, ao conjunto de elementos motores necessários à geração de mensagens lingüísticas, faladas ou escritas.

A *atividade neurofisiológica* envolvida tanto na recepção quanto na geração da linguagem, que envolve tanto o processamento sensorial do *input* quanto o processamento motor do *output*<sup>6</sup> bem como o processamento do conteúdo da mensagem, e está relacionada ao conjunto de operações ocorridas no

cérebro, órgãos sensoriais e aparelhos articulatórios das pessoas envolvidas no evento lingüístico.

O *sistema lingüístico* que se refere ao conjunto abstrato dos elementos da língua e às regras que regem as relações entre esses elementos. Usualmente se identifica no sistema lingüístico a existência de uma gramática, ou sintaxe, que diz respeito às regras de articulação e emissão sonora destas palavras, e uma semântica, que diz respeito às suas regras de significação, além de pressupor a existência de um léxico, ou "dicionário mental", que é uma lista de palavras possíveis. (BALIEIRO Jr., 2004, p.189)

A partir da junção dos elementos e dos níveis de análise, tomamos como exemplo o  *sinal lingüístico "óia"*, que tem propriedades *acústicas*, como volume ou tom; é produzido e recebido por meio de atividades *fisiológicas* (sensoriais, motoras e cerebrais); e é organizado segundo o *sistema lingüístico* que compartilham o falante e o ouvinte, ou seja, é pronunciado "óia" porque o português admite o decaimento de "lh" em "i", mas nunca "ora", porque, neste caso, como o sistema lingüístico do português não admite o decaimento de "lh" em "r"; se for pronunciada "ora", o falante-ouvinte nativo nunca a entenderia como "olha".

Ao distinguir três níveis de análise e apontar três elementos do processamento, Garman, numa operação normalmente chamada corte epistemológico, está colocando limites ao que pode ser estudado e ao que pode ser dito a respeito do fenômeno. A distinção dos níveis de análise impede que sejam confundidas declarações sobre um nível, permitindo a construção de teorias claras. A distinção de três elementos de processamento, por seu turno, indica já quais são as principais evidências que os métodos deverão utilizar para avaliação das hipóteses suscitadas pela teoria. (BALIEIRO Jr., 2004, p.191).

## CONCLUSÃO

Verificamos que a Psicolingüística se delimitou como ciência autônoma, no momento em que, sob determinadas condições históricas, houve uma intersecção das bases epistemológicas (neobehaviorismo) e das motivações entre um grupo de psicólogos, lingüistas e teóricos da informação.

Portanto, podemos inferir com esse estudo que a Psicolingüística é um campo ainda em evolução. No século passado, sob a influência de Darwin, tinha-se uma *Lingüística "biológico-evolucionária"*, com as atenções voltadas para como as línguas evoluem e o delineamento de "famílias" de línguas. Com o surgimento do operacionalismo estruturalista, que buscava a delimitação das unidades componentes, os átomos, das estruturas lingüísticas, passou-se para uma

*Lingüística "química"*, como é o caso da fonologia estruturalista.

O paradigma chomskyano, que parte de uma teoria para deduzir afirmações que vão ser testadas contra os dados, e a ênfase dada à formalização abstrata, gerou uma *Lingüística "matemática"*. E hoje, com a emergência e a influência das ciências cognitivas, as metáforas e modelos têm apontado para um *paradigma "computacional"* em que a linguagem é entendida como um *processo simbólico* que opera símbolos e toma decisões baseadas em conhecimento armazenado e/ou deduzido deste. "Esta postura envolve a Psicolingüística (e a Lingüística também) com questões mais amplas como a natureza do conhecimento, a estrutura das representações mentais e seu papel no processamento". (Balieiro Jr., 2004: p. 198)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALIEIRO Jr., Ari Pedro. **Psicolingüística – Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras, v.2/** Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.). São Paulo: Cortez, 2004.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à Psicolingüística.** São Paulo: Ática, 1991.

## NOTAS

<sup>2</sup> Trabalho realizado por Juliana Friedrich Dias, aluna do 7º semestre do Curso de Letras da UFSM, vinculada ao Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria (GEL), sob orientação da Profa. Dr. Amanda Eloína Scherer.

<sup>1</sup> As primeiras fontes foram Garman (1990), Scliar-Cabral (1991) e Kess (1992).

<sup>2</sup> Proncko, N.H. Language and psycholinguistics: a review. *Psychological Bulletin*, n. 43, May, 1946, pp.189-239. Citado em Titone (1971).

<sup>3</sup> Corrente da Psicologia que demonstrou o princípio da associação: eventos percebidos ao mesmo tempo são associados. O associacionismo tentava explicar todos os fenômenos mentais, inclusive o uso da linguagem, pelo recurso a este princípio. Hoje não se fala mais em associacionismo, mas o princípio da associação ainda continua em pé.

<sup>1</sup> O termo "processamento" muito utilizado em Psicolingüística, refere-se comumente ao conjunto de passos ou operações mentais que se supõe que sejam necessários para que o falante/ouvinte possa elaborar, emitir ou interpretar mensagens lingüísticas. O termo está relacionado a performance, é geralmente restringido por regras psicológicas, e pressupõe conceitos da Psicologia, como memória, operações mentais etc.

<sup>1</sup> São os dados de entrada, tanto auditivas quanto visuais, no cérebro.

---

\* São os dados de saída, tanto na forma de fala quanto na forma de escrita, do cérebro.